

Marianne na Corte do Brasil: os periódicos ilustrados fluminenses e as imagens da alegoria feminina da república.

Aristeu Elisandro Machado Lopes*

RESUMO: A imprensa ilustrada fluminense do século XIX dedicava uma vertente significativa de suas páginas de humor a satirizar a vida política da Corte, entre eles, a campanha iniciada pelos republicanos após a fundação do Partido Republicano em 1870 não passou despercebida. Analisar como o ideário republicano foi abordado nestes periódicos é a proposta que será desenvolvida neste artigo. O trabalho privilegia a alegoria feminina da República – Marianne – difundida a partir da República Francesa em 1792 e empregada pelos caricaturistas que atuaram no Rio de Janeiro. Os artistas produziam nos jornais alegorias para abordar os republicanos sem se descuidarem da função primordial de suas produções: proporcionar o riso no leitor de seu periódico. Dessa forma, as alegorias foram concebidas não só para tratar dos republicanos como também envolvidas em situações humorísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Simbologia republicana – Rio de Janeiro – Imprensa ilustrada.

ABSTRACT: Fluminense illustrated press in the XIXth Century addressed much of its humor pages to satirize Court's political life, like the campaign started by Republicans after the creation of their party, in 1870. The purpose of this article is to analyze how republican ideas were approached in this kind of press. This paper deals with female allegory in Republic – Marianne – spread after French Republic in 1792 and employed by cartoonists who worked in Rio de Janeiro. The cartoonists created allegories to approach Republicans in the newspapers, without failing to focus on their main function: to provide laughs to the reader of their publications. Thus, allegories were conceived not only to deal with Republicans, but they were also involved in funny situations.

KEY-WORDS: Republican symbols – Rio de Janeiro – Illustrated press.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em minha Tese de Doutorado em História analiso como a simbologia republicana foi adotada pelos caricaturistas que atuaram no Rio de Janeiro ao se referirem ao ideário republicano. A campanha pela mudança do regime de governo no Brasil se iniciou nos anos 1870 e apesar de ser incipiente neste período ela foi comentada pelos jornais de humor da Corte. Os periódicos selecionados para o trabalho desenvolvido na tese foram aqueles que tiveram uma vida longa e com uma circulação constante: *Semana Illustrada* (1868-1876), *O Mosquito* (1869-1877), *A Vida Fluminense* (1868-1875), *O Mequetrefe* (1875-1893), *Revista*

* Doutorando em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

2

Illustrada (1876-1898) e *Don Quixote* (1895-1903). Atuaram neles uma gama variada de caricaturistas, como os italianos Angelo Agostini e Luigi Borgomainerio, o alemão Henrique Fleiuss e o português Rafael Bordallo Pinheiro. E os brasileiros: Candido Aragones de Faria e Faria Netto.

Neste artigo apresento um dos resultados iniciais da pesquisa e desenvolvido no capítulo dois da tese ainda em construção. Nesse momento analiso três dos periódicos arrolados acima: *Semana Illustrada*, *O Mosquito* e *A Vida Fluminense*. Abordarei três ilustrações uma de cada um dos periódicos pesquisados todas com a alegoria feminina da República semelhantes àquelas difundidas após a Revolução Francesa e, sobretudo, com a Proclamação da Primeira República em França. Essas imagens apresentam três versões diferentes da alegoria empregada para abordar temas diferentes; contudo, convergem à questão do ideário republicano e a sua campanha nos anos 1870 na Corte do Brasil.

O periódico *Semana Illustrada* pertenceu a Henrique Fleiuss (1823-1882), artista de origem germânica. Logo após sua chegada ao Rio de Janeiro estabeleceu comércio no ramo da litografia e fundou a *Semana* em 1860¹. Este periódico foi o que mais satirizou os republicanos em suas ilustrações. As imagens da alegoria eram concebidas num tom de despreço a causa que por ela e seus admiradores era defendida. O periódico possuía a mesma atitude em relação a todas as formas que visavam contestar os valores políticos estabelecidos. Assim, a associação entre republicanos e liberais radicais foi corriqueira e a sátira era construída amparada nos jornais oficiais do partidos: *República* e *Reforma*. Numa dessas associações os jornais foram identificados como duas comadres. (Figura 1)

Ambas alegorias possuem traços semelhantes e acentuados: corpo avantajado, seios e mãos agigantadas; a *República* ostenta seu barrete frigio e possui uma expressão mais caricata, seu sorriso largo entrega seu caráter zombeteiro (sugere que está gargalhando), pois ela parece se divertir com o conteúdo que será publicado na folha. Sua “comadre” *Reforma* tem uma expressão mais séria, ela está concentrada no desempenho de seu trabalho em misturar “veneno” com “petróleo”. Petróleo nesse sentido pode ser entendido como algo falso ou ainda fantasioso o que caracterizaria, na visão do caricaturista, as notícias veiculadas pelo jornal. A palavra petróleo aplicada na identificação de algo como falso, por exemplo as

¹ Iniciei a pesquisa neste periódico a partir de 1868, mesmo ano do início da publicação de *A Vida Fluminense*.

3

notícias da *Reforma*, na visão da *Semana*, pode ter surgido no século XIX devido as várias tentativas frustradas de encontrar o produto no território brasileiro, expectativa que gerada várias notícias falsas. As primeiras tentativas ocorreram em 1858 em territórios do estado da Bahia, contudo foi somente no final dos anos 1930 que a produção petrolífera iniciou em terras brasileiras².

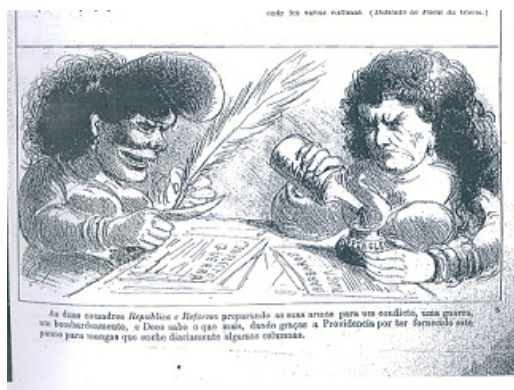


Figura 1: Duas comadres

Legendas: As duas comadres *Republica* e *Reforma* preparando as suas armas para um conflito, uma guerra, um bombardeamento, e Deus sabe o que mais, dando graças a Providência por ter fornecido este pano para mangas que enche diariamente algumas colunas.

Fonte: *Semana Illustrada*, 04/02/1872. Acervo: RGPL/ AEL-UNICAMP

O Jornal *República* foi lançado em 1870 como o órgão oficial do recém fundado Partido Republicano. Já *Reforma* fundado em 1869 foi um veículo de divulgação das idéias do Centro Liberal formado por liberais que pretendiam revitalizar o partido (CARVALHO, 2007: 24). Contudo, a revitalização pretendida sugeria mudanças significativas tanto no partido como na própria administração do país. No mesmo mês de sua fundação o Centro lançou um manifesto e um novo programa para o partido. O Manifesto encerrava com a seguinte sugestão: “Ou a reforma, ou a revolução; a reforma para conjurar a revolução” (CARVALHO, 2007: 24). A partir das premissas defendidas pelo Centro Liberal e divulgadas na folha surgiu, em alguns momentos a associação entre republicanos e liberais radicais. Contribuiu a isso, a trajetória de alguns políticos simpáticos aos republicanos e que disputaram cargos abrigados no Partido Liberal, como exemplifica a carreira de Saldanha Marinho.

² Sobre a história do petróleo ver:

<http://www2.petrobras.com.br/EspacoConhecer/HistoriaPetroleo> Acessado em: 21/01/2008.

A ilustração da *Semana* é considerada uma caricatura, uma forma artística que emprega o humor para apresentar uma deturpação de uma pessoa, acentuando seus traços físicos que poderiam passar despercebidos resultando em algo exagerado. Na imagem, não se trata de uma pessoa, as duas comadres são caricaturas de duas alegorias que representavam os jornais *República* e *Reforma* ou ainda podem ser vistas como uma caricatura dos ideais que eram defendidos pelos simpatizantes das folhas; o que foi tomado de maneira mais acentuada no caso da *República*. A legenda da ilustração narrava a ação que se passava: “As duas comadres *República* e *Reforma* preparando as suas armas para um conflito, uma guerra, um bombardeamento, e Deus sabe o que mais, dando graças a Providência por ter fornecido este pano para mangas que enche diariamente algumas colunas”. A legenda deixava clara a posição crítica adotada pela *Semana* em relação aos dois órgãos políticos. A palavra comadre certamente foi empregada como sinônima de alcoviteira já que no ponto de vista do periódico os assuntos abordados pelos jornais eram boatos ou notícias aumentadas, petróleo.

Em uma outra ilustração veiculada n’*O Mosquito* e de autoria do artista Angelo Agostini, a alegoria feminina foi novamente empregada ao abordar o jornal dos republicanos. Na imagem a crítica era dirigida não a campanha republicana e sim a um dos responsáveis pela folha: Quintino Bocaiúva. Os encaminhamentos dados por ele ao jornal serviram de mote a crítica da ilustração. No início da veiculação d’*A República* membros diversos do partido foram seus redatores; em 1872 o jornal passava por dificuldades financeiras; atrelado a isso, sua direção, que era composta por Luiz Barbosa da Silva, Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes, retirou-se. Quintino Bocaiúva assumiu-a sozinho e o jornal deixou de ser o órgão do partido tornando-se propriedade particular. Além de se tornar diário e aumentar o número de exemplares de uma forma crescente ao longo desse ano, o jornal contava com agentes em outras províncias (BOHERER, 2000: 48). O jornal sairia de seu insucesso rapidamente após Quintino Bocaiúva ter tomado a sua dianteira. Conforme dados pesquisados por George Boherer no jornal *República* ela alcançou 12.000 exemplares e 9.150 assinaturas em outubro de 1872 (BOHERER, 2000: 48). Os números são elevados para um jornal que passava por dificuldades e problemas de estruturação em sua direção até a entrada definitiva de Bocaiúva, o que não resolveria a situação visto que sua atitude de não falar pelo partido não agradou os círculos republicanos divididos entre moderados (entre eles Quintino) e radicais (BOHERER, 2000: 38). No entanto, se for levado em consideração, pelo menos, a metade desses números, eles representam uma cifra significativa para um jornal que era eminentemente veiculado com objetivos de combater o regime monárquico vigente.

A ilustração que apresentava as críticas a Quintino Bocaiúva em sua primeira página; nela a alegoria feminina da república dialogava com um dos ex-diretores na frente da sede do jornal. Num segundo plano a figura de Quintino apresentava uma declaração (Figura 2). A imagem trata das mudanças da folha. No diálogo, a alegoria colocava sua posição: “Em vista do que ele diz, saio contigo. Deixamos-lhe apenas a tabuleta”. O texto escrito na mensagem de Quintino defende o novo arranjo do jornal: “Subindo hoje de novo a este alto posto da imprensa, declaro que o faço porque *me apraz*. Pretendo representar as *minhas idéias*. Não tenho aspirações políticas, tenho aspirações particulares, e envidarei todos os meus esforços para chegar aos *meus fins*.” (grifos do jornal).

Numa carta publicada nesse jornal, Quintino é chamado de amigo e a ele são pedidas explicações sobre os artigos de despedidas dos ex-diretores. Conforme o jornal um retirou-se porque estava doente o outro “preferiu retirar-se sem dar cavaco” e o terceiro “porque circunstâncias independentes da vontade deles os obrigam todos a depor a pena”. O autor da carta pergunta ao “amigo” quais circunstâncias levaram à saída dos ex-diretores, se por acaso a moléstia do primeiro era contagiosa e, portanto, se havia uma epidemia na redação do jornal. A solução do “enigma” podia ser resolvida através de uma “suspeita política”, pois no dia posterior a queda o novo redator declara que “não devia nada a ninguém, que ninguém tinha lhe dado a folha que era muito sua e não era obrigado a representar este ou aquele partido, mas sim a sua pessoa”. O jornal concordava com a declaração do novo redator, contudo como a folha não irá mais tratar das questões do partido republicano, sugeria a ele que modificasse o nome do jornal: “mande tirar o leteiro [da] folha, e em vez de se chamar – *A República* – chame-se *O Quintino*.” Na carta, assinada ao abrigo de um pseudônimo, a crítica não era endereçada aos republicanos ou aos ideais por eles defendidos. Em *O Mosquito* a irrisão foi dirigida somente a Quintino Bocaiúva. As considerações críticas do jornal ilustrado assemelham-se àquelas dirigidas pelos próprios companheiros de Quintino que em seguida, descontentes, tentaram organizar um novo jornal, idéia que não se concretizou. A solução encontrada por Quintino Bocaiúva foi passar a direção do jornal a Francisco Cunha.



Figura 2: A alegoria Feminina da República e a *República* de Quintino Bocaiúva
 Legenda: Em vista do que ele diz, saio contigo. Deixamos-lhe apenas a tabuleta.

Fonte: *O Mosquito*, 12/10/1872. Acervo: RGPL/ AEL-UNICAMP

Os percalços da vida da folha republicana foram contados numa outra ilustração, veiculada em *A Vida Fluminense*. Numa série dividida em quadros e intitulada “História de uma *cocotte*”, o caricaturista Candido Aragonés de Faria tratava da chegada de uma senhora ao Brasil. (Figura 3) No primeiro quadro apresenta-a elegantemente vestida e portando um barrete frigio, afirmando ser ela “celebre tão somente pelas atrocidades que sua avó cometera na França em 1792”. Percebe-se que ela desembarcou num porto brasileiro, o seu carregador está subindo uma escada o que permite verificar que ele está trazendo os seus pacotes possivelmente do navio ancorado que a trouxe. No segundo quadro relata que após sua chegada iniciou uma busca por um “pato” e que “embora este Rio de Janeiro seja a terra dos patos, difícil foi encontrar um o qual, entretanto, suportou a carga durante algum tempo.” Depois disso “o luxo tornou-se desenfreado, a *cocotte* quis ter casa na rua do Ouvidor... foi preciso fazer loterias para a sustentar... Nada chegou e o tardio pontapé sempre veio”. No terceiro quadro narra que ela conseguiu um segundo pato para sustentá-la e ele acabou também fazendo loterias para “satisfazer os caprichos da sua *maitresse*.”

A sátira do periódico era direcionada aos republicanos que comemoravam naquele momento o segundo ano da fundação do partido como também ao jornal que completava dois anos. A busca pelo “pato”, que pode ser considerado como sinônimo de enganado, se referia aos redatores do jornal, que foram em número constante até ela se tornar propriedade de Quintino Bocaiúva (BOHERER, 2000: 47-48). A menção a moradia da *Cocotte*, na principal

7

rua da cidade do Rio de Janeiro, a Rua do Ouvidor se referia a sede do jornal que ficava nesta rua, à altura do número 132, que também abrigava outras sedes de jornais como a da *Semana Illustrada* e a redação d'*A Vida Fluminense* que nesta rua foi estabelecida no início de sua circulação. O jornal destacava que para manter a “*cocotte*”, ou seja, a redação do jornal republicano nesta localidade, era necessário que seus partidários tivessem recursos e para isso resolveram criar um sistema de sorteios para atrair assinaturas e tentar sanar as dificuldades financeiras. A resolução surtiu um efeito efêmero e em 1872 o jornal aumentou sua circulação e o número de assinantes alcançou a cifra de 9000. A história da *cocotte* republicana findava no periódico ilustrado com a narração de mais uma de suas conquistas, desta vez era um rio-grandense “amador das mulheres de punhal a cinta” que iria comandar o jornal no lugar de Bocaiúva. O novo amante, Francisco Cunha, ex-diretor do jornal republicano *A Democracia* da Província do Rio Grande do Sul (BOHERER, 2000: 40).



Figura 3: História de uma *cocotte*.

Fonte: *A Vida Fluminense*, 06/12/1872. Acervo: RGPL/ AEL-UNICAMP

A história da *cocotte* narra nas ilustrações a trajetória do jornal fundado pelos republicanos. A ilustração passava na primeira legenda uma visão negativa da idéia republicana ao qualificar a I República Francesa de celebre somente por suas atrocidades e que sua neta poderia ocasionar o mesmo com a nação brasileira. Contudo, a temática que predominou foi a história do republicanismo no Brasil sob a ótica do humor que descrevia os

8

entraves à circulação da folha republicana transformando a alegoria feminina da República numa *cocotte*. Este adjetivo é relacionado com a palavra cortesã: mulheres que freqüentavam as cortes européias e que geralmente eram amparadas por seus membros; algumas conquistaram destaque nas cortes que freqüentavam e até mesmo tornaram-se influentes na política (ROBERTS, 1998:172). A palavra *cocotte* vem da palavra *coq*, galo em português, e era comum na linguagem infantil francesa para se referir a palavra galinha e empregada para designar as prostitutas³. Uma das mais famosas cortesãs da ficção foi Marguerite Gautier, personagem central do livro *A dama das camélias* de Alexandre Dumas Filho, publicado originalmente em 1848 e ambientado na Revolução de 1848 da qual resultaria a implantação da II República em França⁴.

A tela *A Liberdade conduzindo o povo* de Eugène Delacroix também mereceu alguns predicados depreciativos atribuídos por seus críticos contemporâneos e empregados para menosprezá-la. Um deles se referiu a alegoria como uma “mulher de má vida” e outro que ela se assemelhava com “a mais ignóbil cortesã das ruas mais sujas de Paris” (HADJINICOLAOU, 1981: 92). Na sátira do jornal o adjetivo *cocotte* era empregado com outra finalidade. No contexto brasileiro, a “cortesã” republicana que desembarcava na Corte era empregada para satirizar a campanha republicana. É possível averiguar que o periódico, mesmo não sendo simpático na ilustração aos republicanos brasileiros, fazia uma relação entre os ideais revolucionários franceses e a iniciante campanha em prol de uma república no Brasil, demonstrando as influências que os partidários do novo regime seguiam. Ao apresentar a alegoria como uma *cocotte*, o jornal dava a entender que a campanha republicana estava se amparando em homens de destaque e com recursos que poderiam sustentá-la, “patos”. A imagem veiculada na *A Vida Fluminense* desacredita os ideais republicanos: denigre a folha transformando-a numa prostituta e apontando-a como a causadora das constantes mudanças em sua redação. Há ainda outro ponto que se destaca na ilustração: a referência as origens dos ideais republicanos ao empregar um apelido típico da língua francesa à alegoria.

Os “patos” e a *cocotte República* ainda seriam assunto de ilustrações e artigos veiculados nos jornais ilustrados. Neste artigo foram trabalhadas apenas três imagens da imprensa ilustrada fluminense que fazem parte de um conjunto maior de ilustrações que versam sobre a temática republicana. Até o encerramento dos três periódicos citados, a

³ Sobre palavras que se popularizaram a partir da Revolução Francesa, ver: A Revolução Francesa 1789-1989. Complemento da revista *Isto é Senhor*. São Paulo: Editora Três.

⁴ Consultei a seguinte edição da obra: FILHO, Alexandre Dumas. *A Dama das camélias*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

9

campanha republicana, embora tímida em seus anos iniciais, foi um dos assuntos abordados por eles servindo aos caricaturistas como inspiração à suas produções artísticas que versavam sobre a política brasileira do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Revolução Francesa 1789-1989. Complemento da revista *Istoé Senhor*. São Paulo: Editora Três, 1989.

BOEHRER, George C. A. *Da Monarquia à República: história do partido republicano no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

CARVALHO, José Murilo. As conferências radicais no Rio de Janeiro: novo espaço de debate. In: CARVALHO, José Murilo (Org.) *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.17-41.

FILHO, Alexandre Dumas. *A Dama das camélias*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

HADJINICOLAOU, Nicos. *La producción artística frente a sus significados*. Ciudad del México: Siglo Veintiuno editores, 1981.

ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos tempos, 1998.

<http://www2.petrobras.com.br/EspacoConhecer/HistoriaPetroleo>